

# 1. INTRODUÇÃO

*Nenhuma ousadia é fatal*

*René Crevel*

Se inserirmos a filosofia de Nietzsche dentro de um esquema para melhor entendê-la, corremos o grave risco de sistematizar e fossilizar seu pensamento, o pensamento de um homem, um pensador que se considerava, não nos esqueçamos, *dinamite*. “Desconfio de todos os sistemáticos e afasto-me do seu caminho. A vontade de sistema é uma falta de probidade”<sup>1</sup>. Aliás, achamos suspeitas uma certa mania de periodizar Nietzsche (nosso terrível vício de sistematizar), classificá-lo, mensurá-lo e etiquetá-lo para “melhor” compreender o que na realidade denuncia nossa obsessão pela “ordem” e, sobretudo, o pavor que nos inspira o que realmente está a nos dizer um filósofo ímpar como Nietzsche, em sua filosofia abismal, trágica e sobre-humana. O sistema tem a “vantagem” de tornar as coisas “claras”, compreensíveis; mas o que significa tornar as coisas claras para Nietzsche? Tornar claro significa sentir-se tranqüilo e seguro - pelo menos por algum tempo -, porque se pensou chegar a uma “verdade” e, assim, **poder escapar aos caprichos do acaso**. “Nós admiramos o pensamento

<sup>1</sup> NIETZSCHE, *Crepúsculo dos Ídolos, Máximas e Dardos*, 26, p. 17. Scarlett Marton, sobre o estilo de Nietzsche, escreve que: “Nas primeiras décadas deste século, Charles Andler constata que, embora já haja consenso quanto à existência de uma filosofia nietzschiana, ainda se duvida de que ela possa comportar um sistema. Considerado um pensador assistemático, e mesmo anti-sistemático, Nietzsche parece estar em dissonância com certa concepção do saber, que identifica filosofia à sistema. Mas aos que se recusam a levar em conta sua reflexão filosófica pelo fato de ter ele privilegiado o aforismo como modo de expressão, chega a antecipar-se declarando: (...) São aforismos! São aforismos? - aqueles que por isso me reprovam nada têm a fazer senão refletir um pouco e, em seguida, desculparem-se a si mesmos - eu não preciso de uma palavra sequer em minha defesa” (*fragmentos póstumos*, IX, 7 (192)).

Prossegue Scarlett Marton: “parcialmente incoerentes entre si, cada um deles revela perfeita coerência em si mesmo. Karl Löwith, por sua vez, encara o pensamento nietzschiano como um sistema em aforismos. Sua produção aforismática apresenta uma unidade, ligada à da própria tarefa filosófica, ambas sustentadas pela lógica de certa sensibilidade diante da filosofia. (...) Walter Kaufmann, por fim, recorrendo à distinção proposta por Nicolai Hartmann em *O pensamento filosófico e sua história*, sustenta que Nietzsche não é um pensador-de-sistemas (*system-thinker*), mas um pensador-de-problemas (*problem-thinker*). **Procurando fazer experimentos com o pensar, ele recorre ao estilo aforismático e, nessa medida, está de acordo com o espírito da época, marcado pela insatisfação crescente com os modos tradicionais de expressão**. Por entender ‘experimental’ como ‘tentar viver de acordo com’, a unidade de seu pensamento, embora por vezes obscurecida - mas nunca obliterada - pela descontinuidade do experimentalismo, encontraria garantias na unidade da própria vida, ou seja, repousaria numa ‘unidade existencial’”. Scarlett Marton, *Nietzsche, Das Forças Cóslicas Aos Valores Humanos*, pgs. 17, 18 (grifo nosso).

Mas, assim pensamos, os “não filósofos” - é quase sempre assim - são os que melhor captam o que verdadeiramente interessa num intempestivo da estatura de Nietzsche. Assim, é Cioran na França (e Carlos Henrique Escobar no Brasil) quem melhor compreende a maneira pela qual “se deve” ler Nietzsche. Assim, ele dispara: “Nada mais irritante do que essas obras que apresentam bem ordenadas as idéias densas de um espírito que se preocupou com tudo exceto com o sistema. **De que serve dar uma aparência de coerência às de Nietzsche, a pretexto de que se movem em torno de um motivo central? Nietzsche é uma soma de atitudes, e é rebaixá-lo procurar nele uma vontade de ordem, uma preocupação de unidade**. Cativo dos seus humores, registrou-lhes as variações. A sua filosofia, meditação acerca dos seus caprichos, é erradamente considerada

sistemático mais ou menos,” diz-nos Nietzsche, como “alguém que esconde uma coisa atrás de um arbusto e vai procurá-lo ali mesmo e a encontra”, mas, afirma Nietzsche, “não há muito o que gabar nesse procurar e encontrar: e é assim que se passa com o procurar e encontrar da ‘verdade’ no interior do distrito da razão”<sup>2</sup>. Um pensamento “claro”, que segue uma argumentação “lógica” passo a passo, que faça “sentido” é, na verdade, um dos sintomas mais evidentes sobre nossa necessidade de dar “sentido” às coisas, ou, em outras palavras, de nos safarmos da aflição que o acaso e o imponderável suscitam. No espirituoso exemplo abaixo, Nietzsche explicita esta idéia:

Semelhante ao astrólogo que observava as estrelas a serviço do homem e **em função de sua sorte e sofrimento**, assim um tal pesquisador observa o mundo inteiro como ligado ao homem, **como a repercussão infinitamente\_refratada de um som primordial, do homem**, como a imagem multiplicada de uma imagem primordial, a do homem. Seu procedimento consiste em **tomar o homem por medida de todas as coisas**: no que, porém, parte do erro de acreditar que têm essas coisas imediatamente, como **objetos puros diante de si**. Esquece então as metáforas originais da intuição enquanto metáforas e toma-as pelas próprias coisas<sup>3</sup>.

Mas, curiosamente, esse desejo, essa ânsia de buscar a verdade, não é sincera, pois o homem “**deseja as conseqüências agradáveis da verdade**, as que conservam a vida; é indiferente ao conhecimento puro e sem desdobramentos e **até hostil em relação às verdades prejudiciais e destrutivas**”<sup>4</sup>.

Nietzsche experimenta consigo próprio sua filosofia, é um experimentador, um **alquimista par excellence**, na melhor acepção do termo e, é desta forma que vê o papel de quem se ache digno de ser considerado um filósofo, e se ele não o foi ainda possível no passado - à exceção, para Nietzsche, dos filósofos pré-socráticos -, então é no futuro que sua esperança está depositada, se coragem houver.

---

pelos eruditos como portadora de constantes, que se trataria de evidenciar, quando tudo nela as recusa”. *A Tentação de Existir*, p. 119 (grifo nosso).

<sup>2</sup> NIETZSCHE, *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral* (verão 1873), p. 50, seção 1.

<sup>3</sup> NIETZSCHE, *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral* p 50, seção 1 (grifos nossos).

<sup>4</sup> *Idem*, p.47, seção 1 (grifos nossos).

Com o mesmo direito poderiam se chamar críticos; e sem dúvida serão **experimentadores**. Através do nome com que ousei batizá-los, já sublinhei claramente a **experimentação e o prazer no experimentar**: seria porque críticos de corpo e alma, eles amam servir-se do experimento num sentido novo, talvez mais amplo, talvez mais perigoso? Deverão eles, em sua paixão do conhecimento, levar suas experiências arrojadas e dolorosas mais longe do que aprovar o gosto brando e mimado de um século democrático? – Não há dúvida: esses **vindouros** não poderão, de maneira alguma, dispensar as qualidades sérias e nada inofensivas que distinguem o crítico do cético, isto é, a segurança nas medidas de valor, o manejo consciente de uma unidade de método, a **coragem alerta** <sup>5</sup>.

A **experimentação e o aparecimento do traço aristocrático ou do *übermensch* como uma ética possível**, estão alinhados, ou seja, não há uma receita, um caminho claro que Nietzsche nos apontaria para pensarmos um ser-acima-do-humano. Sabemos, segundo as indicações de Nietzsche, que não há uma fórmula para concebermos ou precisarmos o que seria um outro tipo de homem “além do bem e do mal”, mas sabemos que este “homem” pensa de uma outra maneira, de uma forma talvez sem precedentes na história humana, e sabemos também que ele **não está de jeito nenhum refutado**, aliás, se assim fosse, **não acreditamos que Nietzsche teria escrito o “seu” *Assim Falou Zaratustra***, pois neste livro ele clama e expressa suas mais altas esperanças na “vinda” ou surgimento de um outro tipo de “homem”. Portanto, o tipo mais desprezível - o “último homem” ou o “escravo”, que vai se antepor ao aparecimento do *übermensch* - ainda não é o tipo ou modelo definitivo que a civilização alcançou, apesar de o vermos hoje rastejar aos milhões pela terra. A experimentação é o único indício que o filósofo nos dá para sermos a “ponte” para algo superior. A experimentação com nossos pensamentos, mas pensamentos corajosos que não temem pensar para além da gramática, das teorias pré-estabelecidas e dos limites estabelecidos pela moral vigente. Experimentação com nossos corpos para além dos discursos da medicina oficial, de nossos cuidados obsessivos com a “saúde” e a duração de nossas vidas em detrimento dos riscos e das aventuras.

---

<sup>5</sup> NIETZSCHE, *Além do Bem e Do Mal, Nós Eruditos*, p. 116 (grifos nossos).

**Vivo para conhecer: quero conhecer para que viva o ser-acima-do-humano.**

**Nós experimentamos por ele! (...)**<sup>6</sup>.

**Amo os seres humanos que são aniquilados por sua virtude. vede (*sic*), eu vos mostro a ponte ao ser-acima-do-humano! (...)**

[Amo aqueles] que **desperdiçam a sua alma, que não agradecem e jamais devolvem porque presenteiam sempre**<sup>7</sup>.

E Nietzsche instiga seus leitores a fazerem o mesmo e nos lembra sempre que o excesso de pensamento teórico ou mesmo qualquer pensamento calculador, sobretudo, quando não é resultado de uma vivência, mas um instrumento, um mapa para nos guiar previamente no real e evitar os riscos, então de nada vale. Assim mesmo, o conhecimento que se apreende após a experiência tem muitas ressalvas, pois, não se pode, para ele, querer congelar os ensinamentos apreendidos nas experiências vividas, já que eles, os aprendizados, só serviriam, uma vez que imersos no fluxo do devir, para uma situação determinada, **única, singular e irrepetível**<sup>8</sup>. Nietzsche então dispara: “Em última instância, ninguém pode escutar mais das coisas, **livros incluídos, do que aquilo que já sabe. Não se tem ouvido para aquilo a que não se tem acesso a partir da experiência**”<sup>9</sup>. **A vida deve afetar nossas avaliações e não o contrário.** Com Sócrates e o aparecimento - segundo Nietzsche - do homem teórico, é a memória que terá prevalência, e, o esquecimento que Nietzsche recomenda como remédio contra o ressentimento, será justamente esquecido para ser adotada a lembrança de nossas experiências como antídoto contra o imprevisível, ou, em outras palavras, contra o **trágico** que vai justamente celebrar o acaso. Não que as lembranças não sejam necessárias, mas o esquecimento proporciona **uma potência plástica que inocenta o tempo.** O *homem teórico* é aquele - todos nós - que despreza os instintos para adotar a atitude raciocinante, o cálculo anterior à qualquer ação. “Tudo deve ser inteligível para ser belo”, “Tudo deve ser consciente para ser belo e bom”<sup>10</sup>, assim nos dirá Nietzsche acerca de Sócrates, para quem o pensamento lógico deve se sobrepor aos instintos. Não se deve agir “apenas por instinto” e este

<sup>6</sup> *Fragmento Póstumo* - Novembro de 1882 – fevereiro de 1883, 4 (224) *in* *Fragmentos do Espólio*. Seleção e tradução de Flávio R. Kothe, p.162 (grifo nosso).

<sup>7</sup> *Idem*, 4 (228), p. 163 (grifo nosso).

<sup>8</sup> “O que o conhecimento só consegue ser? – ‘Exegese’, não ‘esclarecimento’”. *Fragmento Póstumo* 2 (86) *in* *Fragmentos Finais*, p.157.

<sup>9</sup> NIETZSCHE, *Ecce Homo, Por Que Escrevo Tão Bons Livros*, seção I, p. 53(grifos nossos).

é o “coração”<sup>11</sup> do pensamento socrático para o filósofo, e um anátema da civilização. Pensar antes de agir, e fazê-lo com clareza e compreensão do que se está fazendo, é o que chamamos de cálculo prévio e o que Nietzsche ataca:

Enquanto em todas as pessoas produtivas, **o instinto é justamente a força afirmativa-criativa**, e a consciência se conduz de maneira crítica e dissuasora, em Sócrates é **o instinto que se converte em crítico**, a consciência em criador - **uma verdadeira monstruosidade per defectum!**<sup>12</sup>.

O aparecimento da razão e da memória que Nietzsche encontra em Sócrates inaugura uma forma inédita no modo de agir e pensar, **no modo de avaliar**. Os instintos passam a ser substituídos pela razão (*ratio*), a instância do pensamento é encarregada de agora em diante da representação das ações antes de efetivá-las e é na consciência que Nietzsche a identifica. Nietzsche vê instaurada sob esta faculdade aquilo que será motivo para todo o seu pensar e que deve desaparecer, ou pelo menos não deve prevalecer na constituição de um ser futuro, pleno, a saber: **a tirania do logos e do saber**.

Nietzsche percebeu como ninguém no campo da filosofia e da psicologia os estragos que uma consciência e uma razão tirânica, exacerbada, pode fazer, quais as doenças que ela pode produzir e aonde ela nos levou. Ele considerou a questão de investigar a forma como julgamos a vida a mais fundamental: “A questão da origem dos valores morais é para mim, portanto, uma questão **de primeira ordem, porque condiciona o futuro da humanidade**”<sup>13</sup>. Nietzsche tinha razão, e quando o estudamos - constatamo-no - ao proclamar que: “nos meus escritos fala um psicólogo **como nunca houve** igual, essa é decerto a primeira intuição a que chega **um bom** leitor. A moral falsificou toda a psicologia do fundo ao topo”<sup>14</sup>.

Quanto às intuições de Nietzsche sobre o diagnóstico de nossas produções morais como provenientes de nossa “má consciência”, e também quanto às limitações e perigos da razão e males de vivermos exclusivamente sob os ditames daquilo que chamamos pensamento racional, ninguém melhor do que Dostoiévski

<sup>10</sup> NIETZSCHE, *O Nascimento Da Tragédia*, pgs. 81, 83.

<sup>11</sup> *Idem*, p. 85.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 86 (grifos nossos).

<sup>13</sup> *Idem*, *Ecce Homo*, p. 79 (grifo nosso).

<sup>14</sup> *Idem*. p. 80 (grifos nossos).

o soube dizer, no seu magistral *Memórias do Subsolo*. Dostoiévski, neste livro, atinge com argúcia genial no âmbito da literatura a percepção sobre a arrogância e presunção da ciência em resolver todos os problemas e questões humanas. Mas, principalmente, é **sua admirável radiografia do ressentimento** - que Nietzsche aprofunda, a seu modo (o filosófico), na *Genealogia da Moral* - que nos deixa estupefatos. Ele capta de maneira ímpar no âmbito da literatura a atmosfera otimista e ingênua de sua época com os progressos das ciências e da matemática. Como Nietzsche, alerta-nos quanto aos nossos medos e covardias, conclamando-nos a deixar de lado nossa obsessão pelo “dois mais dois são quatro”<sup>15</sup>, nestes memoráveis termos:

Vejam: a razão, meus senhores, é uma excelente coisa, é verdade; **mas a razão não é mais do que a razão, e só satisfaz a capacidade humana de raciocínio, ao passo que a vontade é a manifestação da vida total**; isto é, de toda a vida humana, inclusive da razão e de todos os escrúpulos possíveis. **E se a nossa vida não se revela às vezes muito nessa manifestação, apesar de tudo é a vida, e não unicamente a extração da raiz quadrada**

<sup>16</sup>

A filosofia em geral e suas prescrições práticas visavam - até hoje é assim, como atesta nossa obsessão pela ginástica, pela dietética e o discurso recorrente e exaustivo sobre a “saúde” -, sobretudo, ajudar o homem a superar, ou melhor, a lutar contra aquilo que ele aprendeu a compreender como a “dor de viver” e que deve ser combatida a todo custo. Aprendeu-se, ao longo da história, a identificar tristeza, ensimesmamento, como signos de responsabilidade, profundidade e respeitabilidade, mas Nietzsche desconfia desta relação negativa com a dor, e trava um combate ferrenho contra a visão de que o sofrimento no mundo seja algo

<sup>15</sup> DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Memórias do Subsolo*, p.671 (grifo nosso). Citamos aqui esta outra passagem que lembra muito, em outro tom, é claro, as críticas e ataques de Nietzsche à razão: “Uma vez que te demonstraram que, na realidade, um só átomo do teu próprio corpo deve ser para ti mais apreciado do que cem mil semelhantes teus, demonstração que acaba de vez com todas as virtudes e deveres e demais ninharias e superstições, não tens outro remédio senão concordar que dois e dois são quatro, que isto é matemática. Vamos a ver se têm alguma coisa a objetar contra isto! (...) Mas, meu Deus, que me importam as leis da Natureza, ou as da aritmética, se essas leis e os seus dois e dois quatro me desagradam por qualquer coisa? É certo que não hei de deitar abaixo essa muralha, porque as minhas forças não chegam: **mas não hei de resignar-me só porque diante de mim se levante uma muralha de pedra que as minhas forças não possam derrubar.**

Poderia essa muralha ser um calmante? Seria capaz, por pouco que fosse, de sossegar a minha alma, pelo motivo de que dois e dois sejam quatro? Oh, absurdo dos absurdos!”(DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Memórias do Subsolo*, pgs. 671, 672) (grifo nosso).

negativo, quanto mais, um motivo para se depreciar a vida. A dor é por ele vista como algo inerente à própria vida, **não como essência** - ainda que pareça mostrar no *Nascimento da Tragédia* que os gregos enxergaram no mito dionisíaco a vida como sendo essencialmente terrível - mas **como ingrediente** que vai, juntamente com o prazer e o riso, transformar a vida no que ela é, a saber: luta e superação:

Quão pouco conheceis a *felicidade* dos homens, seres cômodos e bonachões! **Pois felicidade e infelicidade são irmãos gêmeos que crescem juntos**, ou ainda, como em vós, *permanecem pequenos!*<sup>17</sup>.

Desse modo, quando o homem pensa a dor como algo que não devia “estar aí” no mundo, ele está, no fundo, no registro da culpa, do remorso, afetos que se vinculam à idéia de que a vida poderia ser “de outro jeito”, logo, deseja-se retornar no tempo e endireitar o que já não pode ser endireitado, e a vida não é passível de se deixar corrigir. Sobre a filosofia socrática que depreciava os homens que agem guiados por seus instintos e de como a razão deve preceder à ação, Nietzsche ataca:

“Apenas por instinto”: por essa expressão **tocamos no coração e no ponto central da tendência socrática**. Com ela o socratismo condena tanto a arte quanto a ética vigentes; para onde quer que dirija o seu olhar perscrutador, avista ele a **falta de compreensão** e o **poder da ilusão**; dessa falta infere a **íntima insensatez** e a **detestabilidade do existente**. A partir desse único ponto julgou Sócrates que devia **corrigir a existência**<sup>18</sup>.

O mal-estar produzido pelas “ameaças” que pairam sobre a vida, tais como as doenças, a velhice, a solidão ou mesmo as decepções e frustrações que se sofrem ao longo de uma existência, engendraram a filosofia com a sua sutileza e complexidade - e **por isso** ela assumiu na sua história uma certa sacralidade e importância. De uma forma geral, a filosofia vem servindo ao homem desde a sua origem, mais como fonte de consolo e justificativa frente a sua incapacidade para lidar com as “questões da vida”, entendida aqui, como “vontade de potência”, dor e superação. A filosofia, segundo Nietzsche, tem a “função” de subverter valores

<sup>16</sup> DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Memórias do Subsolo*, p. 681 (grifos nossos).

<sup>17</sup> NIETZSCHE. *The Gay Science*, seção 338, *A vontade de sofrer e os compassivos*, p.270 (grifo nosso).

<sup>18</sup> *Idem*, *O Nascimento Da Tragédia*, seção 13, p. 85 (grifos nossos).

decadentes após uma “transvaloração dos valores” niilistas. E, após a “transvaloração” o “caminho” estaria, digamos, pavimentado para o surgimento do sobre-humano; ele que encarna o tipo criador por excelência além de toda a moral e cuja tarefa seria a de criar **novas formas de vida**.

A filosofia ajuda o homem a pensar um modo de vida, uma ética ou uma moral, mas a História, é a História do “universo dos homens” ressentidos e cuja “má consciência” construiu as bases das culturas humanas - e mesmo que Nietzsche esteja se referindo especificamente a Europa, podemos estender esse comentário para o resto da humanidade, pois a “má consciência” é comum a todos e não só ao homem europeu; ao tibetano, ao brasileiro, ao chinês, ao esquimó, etc. Como dizíamos, a filosofia como resultado de uma cultura ressentida produzirá, como Nietzsche não se cansou de repetir, todo um mundo de valores reativos, logo, a moral e a ética que esta filosofia ajudou a moldar não devem ser sacralizadas, ao contrário, devem ser destruídas. Tudo depende de que tipo de filosofia estamos falando e a serviço do que ela está, tal como, em Hegel, ela estaria a serviço da justificação do Estado, logo, do homem da razão absoluta ou, da vida, como em Nietzsche:

Há, sem dúvida, bons exemplos de uma saúde que pode subsistir sem filosofia, ou que dela faz um uso muito moderado, quase lúcido; **e foi assim que os Romanos passaram a sua época dourada sem filosofia**. Mas, será possível encontrar o exemplo de um povo doente ao qual a filosofia tivesse restituído a saúde perdida? **Se alguma vez ela manifestou ser útil, salutar e preventiva, foi para os povos sãos**; aos doentes tornou-os sempre ainda mais doentes (...) A filosofia é perigosa quando não goza da plenitude dos seus direitos, e só a saúde de um povo, embora não a de cada povo, lhe dá esse direito”<sup>19</sup>.

Nietzsche nos diz também que a filosofia é perigosa quando “alguém se dispõe a afastar-se e a construir à sua volta uma barreira de auto-suficiência. A filosofia pode isolá-lo ainda mais e o destruir”<sup>20</sup>. A beleza do pensamento antigo está justamente em transformar sempre uma teoria numa prática, numa ação e sabedoria, sabedoria prática, como nos círculos estoicos, no epicurismo, na escola cínica e cirenaica, por exemplo. Mas não transformaram a filosofia numa reflexão separada de uma prática, e souberam também apreciar a reflexão por ela mesma,

<sup>19</sup> NIETZSCHE, *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*, I, pgs. 17, 18 ( grifos nossos).

<sup>20</sup> *Idem*

sem que houvesse necessidade de nenhuma utilidade:

Os Gregos, enquanto povo verdadeiramente são, *justificaram* a filosofia de uma vez para sempre, pelo simples fato de terem filosofado; e mais do que todos os outros povos; pois até na árida velhice se comportaram como ardentes adoradores da filosofia (...) Se eles tivessem então sido esses homens práticos, esses brincalhões sóbrios e precoces, como os imagina o filisteu erudito dos nossos dias, ou se tivessem vivido apenas num luxurioso transporte, ressoar, respirar e sentir, como supõe o fantasista inculto, a fonte da filosofia nunca teria vindo à luz no meio deles <sup>21</sup>.

Porém, há em muitas dessas “práticas sábias”, uma ascese e um aspecto moral suspeito a Nietzsche, que percebe na história da filosofia inteira uma dependência comprometedora, um vínculo originário entre pensamento filosófico e religioso e as práticas ascéticas. Tais práticas mostram a Nietzsche que a relação do homem com seu corpo e seus instintos é muito problemática e extremamente sinuosa, pois - e esta é uma das extraordinárias contribuições de Nietzsche à psicologia, uma de suas grandes descobertas - o que ele cunhou como *ideal ascético* tem razões subterrâneas, muito sutis e está vinculado à questão do ressentimento como um mecanismo que o indivíduo encontra para tentar administrar e conseguir um certo alívio para uma série de sentimentos que ele não consegue compreender e que ameaça o equilíbrio do seu corpo e de sua mente:

A descarga de afeto é para o sofredor a maior tentativa de alívio, de *entorpecimento*, seu involuntariamente ansiado narcótico para tormentos de qualquer espécie. Unicamente nisto, segundo minha suposição, se há de encontrar **a verdadeira causa fisiológica do ressentimento**, da vingança e quejandos, ou seja, um *entorpecimento da dor através do afeto* <sup>22</sup>.

Nietzsche nos alerta acerca do *ideal ascético*, sobre sua relevância e “sua **tremenda missão histórica**”<sup>23</sup>. Subjazendo a questão que envolve o ascetismo, há uma questão moral mais complexa e sutil sobre o *bem* e o *mal* que fazem parte do universo moral do *übermensch* e que desenvolveremos a seguir. Esta questão diz respeito ao ascetismo como instrumento de combate - que Nietzsche tanto despreza - contra **o sofrimento no mundo, encarado como o “mal” por excelência** pelas religiões do oriente, ocidente e pela História das filosofias em

<sup>21</sup> *Idem*

<sup>22</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, III, p.116 (grifo nosso).

<sup>23</sup> *Idem*, p. 115 (grifo nosso).

geral. Um combate histórico e que contemporânea e avassaladoramente vem enchendo as mídias e nossas cabeças:

O que significa exatamente o *poder* desse ideal, a *imensidão* do seu poder? Por que lhe foi concedido tamanho espaço? Por que não lhe foi oposta maior resistência? (...)

O ideal ascético tem uma finalidade, uma meta - e esta é universal o bastante para que, medidos por ela, todos os demais interesses da existência humana pareçam estreitos e mesquinhos; povos, épocas e homens são por ele interpretados implacavelmente em vista dessa única meta, ele não admite qualquer outra interpretação, qualquer outra meta, ele rejeita, renega, afirma, confirma somente a partir da *sua* interpretação (- e houve jamais um sistema de interpretação mais elaborado?); ele não se submete a poder algum, acredita, isto sim, na sua primazia perante qualquer poder, na sua incondicional *distância hierárquica* em relação a qualquer poder - ele acredita que nada existe com poder na Terra que não receba somente dele um sentido, um valor, um direito à existência, como instrumento para a *sua* obra, como meio e caminho para a *sua* meta, para *uma* meta...<sup>24</sup>.

O impacto da descoberta nietzschiana acerca do *ideal ascético* como meio de controle de corpos e mentes e como uma espécie de disfarce ou subterfúgio moral para fazer enfraquecer os instintos, é tremendo, e ele, como em outros momentos de seu pensamento, por exemplo, quando descobre ou intui a noção do *eterno retorno*, fica absolutamente perturbado e atordoado a ponto de achar que “pela primeira vez tenha tido o pensamento **que divide a história da humanidade ao meio** se ele for verdadeiro, ou melhor, se for considerado verdadeiro, então todas as coisas vão se modificar, vão virar do avesso, e **todos os valores que prevaleceram até então serão desvalorizados...**”<sup>25</sup>. Nietzsche não despreza nem ignora sua própria importância nem tampouco é capaz de manter a frieza ou sobriedade clássica dos filósofos, até porque o choque da descoberta é grande demais para manter as aparências e Nietzsche com sua característica de um indivíduo intenso não é dado a falsas modéstias pequeno-burguesas. No *Ecce Homo*, por exemplo, ele diz de forma intrigante - porque “pouco” filosófica - e comovente, que, “**jamais teve opção**” e nos dá um impressionante relato sobre o seu processo de inspiração no qual ele sentiu-se tomado de “um **êxtase** cuja tremenda tensão desata-se por vezes em **torrente de lágrimas**, no qual o passo

<sup>24</sup> *Idem, Genealogia da Moral*, pgs. 135, 136 (grifos nossos).

<sup>25</sup> Correspondência, Para Overbeck, Nice, início de março de 1884. *In, Nietzsche*

voluntariamente ora se precipita, ora se arrasta; **um completo estar fora de si** com a claríssima consciência de um sem número de delicados tremores e calafrios que chegam aos dedos dos pés; **um abismo de felicidade** <sup>26</sup>.

Quando usamos a expressão “atordoado” e “perturbado”, ou quando fazemos esta pequena digressão sobre o estilo de Nietzsche, não queremos em absoluto criticar ou suspeitar das noções nietzschianas, ou pior, mistificá-las, mas bem ao contrário, mostrar que existe uma outra, digamos, força “atrás” do pensamento racional. Nietzsche é muito atento às suas próprias percepções, e ao falar de suas vivências, está nos sussurrando que também a nós está aberta uma outra realidade. Suas aspirações e seu pensamento **transformados em ação** são o resultado da descoberta de camadas mais profundas que ele quer compartilhar com a intenção de que também alguns de seus leitores percebam ou suspeitem, pelo menos, de que deve haver uma relação entre as sensações do filósofo Nietzsche no seu ato de criação e aquilo que ele mesmo reivindica o tempo todo como sendo **uma outra maneira de pensar** e que não é o que conhecemos como a consciência. A consciência para ele é uma espécie de **pensamento ideologizado** e, talvez, através do próprio relato de sua experiência pessoal, onde um tipo de intensidade deve ter comparecido quando ele “foi tomado de êxtase e sentiu-se à beira de um abismo de felicidade”, não se tratando isto apenas de uma **metáfora**, mas algo a que talvez devamos prestar mais atenção, levar a sério, e não considerar meras imagens poéticas. Sem dúvida, já por si só, tais “imagens” (com ou sem aspas) são belíssimas e comoventes e não podemos suportar uma filosofia, um pensamento, que seja desprovido de beleza, intensidade, graça, humor e poesia - o que Nietzsche soube, como ninguém, elaborar. Achamos, porém, que quando ele usa imagens como as de cima ou quando nos alerta, por exemplo, para “considerarmos perdido o dia em que não se dançou nem *uma vez!*”, e para “**considerarmos falsa toda a verdade que não teve a acompanhar, nem *uma risada***”<sup>27</sup>, ele pode estar sinalizando para uma outra maneira **absolutamente nova, inusitada, inaudita** de pensar e ver o mundo e a vida, “ porque Nietzsche não quer dissimular o inaudito e sinistro do Ser, e ele luta com tanta veemência

---

*e o Círculo Vicioso*, Pierre Klossowski p.122 (grifos nossos).

<sup>26</sup> NIETZSCHE, *Ecce Homo, Assim Falou Zaratustra*, III, p.86 (grifos nossos).

<sup>27</sup> *Idem, Assim Falou Zaratustra, De velhas e novas tábuas*, seção23, p.203 (grifo nosso).

contra o princípio metafísico de uma substância uniforme na base do mundo”<sup>28</sup>.

A pista para compreendermos melhor o *übermensch*, assim entendemos, está disseminada ao longo da obra de Nietzsche de maneira talvez velada. Quando Nietzsche nos fala dele mesmo no *Ecce Homo* e nas suas correspondências, suas impressões pessoais e experiências, colocadas na primeira pessoa, seu estilo por vezes metafórico e poético, **ele já está indicando o que ele compreende por sobre-humano**. Nietzsche reconhece e afirma que o conhecimento não deve e não pode ser dado a qualquer um. Há de se ter um tipo de pré-disposição para entrar em contato com certas idéias e não é possível falar sempre de maneira, digamos, direta e clara. Para comunicar a idéia do *eterno retorno*, falar do sobre-humano ao povo da praça, no *Prólogo de Zaratustra*, e ao longo do livro, Nietzsche vai tornando-se mais enigmático, porém, com a intenção de preservar essas duas noções que lhe são as mais caras. Em *Da Redenção*, Nietzsche, a certa altura, farto de seus discípulos enquanto lhes falava da necessidade da “reconciliação com o tempo”, a propósito do *eterno retorno, da vontade de potência* e da premência de aprender-se a “querer para trás”, temendo uma certa inquietude entre os ouvintes ou suas “segundas intenções”, diz ao corcunda:

É difícil viver entre os homens, **porque é tão difícil o silêncio**. Especialmente para um tagarela.

Assim falou Zaratustra. Mas o corcunda escutara seu discurso escondendo o rosto: quando, porém, ouviu Zaratustra rir, ergueu, curioso, os olhos e disse lentamente:

“Mas por que Zaratustra fala conosco de maneira diferente do que com seus discípulos?”

Zaratustra respondeu: **“Que há nisso de estranho! A um corcunda pode-se perfeitamente falar de modo torto”**.

“Bem”, disse o corcunda; “e aos alunos, pode-se perfeitamente falar de cadeira, deitando segredos à rua.

Mas por que Zaratustra fala com seus discípulos de modo diferente do que consigo mesmo?”<sup>29</sup>.

Não nos esqueçamos que - seguindo nosso raciocínio anterior a propósito da transmissão das idéias através de um certo velamento - a música e a dança têm enorme valor e são **os veículos par excellence** de uma “outra realidade” e através dos quais o inaudito se faz presente, “aparece” ou comparece. Comparando a música de ritmos apolíneos, tranqüila e serena, Nietzsche descreve - e isso é

<sup>28</sup> SAFRANSKI, Rudiger. *Nietzsche: biografia de uma tragédia*, p.265.

importante para nós, em **tom eloqüente** - os efeitos dos sons na música de caráter dionisíaco, extasiantes e arrebatadores e capazes de arrebentar as fronteiras que separam a consciência - sempre má, para Nietzsche - de “uma outra coisa”:

A música de Apolo era arquitetura dórica em sons, mas apenas em sons insinuados, como os que são próprios da cítara. Mantinha-se cautelosamente à distância **aquele** preciso elemento que, não sendo apolíneo, **constitui o caráter da música dionisíaca** e, portanto, da música em geral: **a comovedora violência do som, a torrente unitária da melodia e o mundo incomparável da harmonia. No ditirambo dionisíaco o homem é incitado à máxima intensificação de todas as suas capacidades simbólicas; algo jamais experimentado empenha-se em exteriorizar-se, a destruição do véu de Maia, o ser uno enquanto gênio da espécie, sim, da natureza deve expressar-se por via simbólica; um novo mundo de símbolos se faz necessário, todo o simbolismo corporal, não apenas o simbolismo dos lábios, dos semblantes, das palavras, mas o conjunto inteiro, todos os gestos bailantes dos membros em movimento rítmicos.** Então crescem as outras forças simbólicas, as da música, em súbita **impetuosidade**, na rítmica, na dinâmica e na harmonia. Para captar esse desencadeamento simultâneo de todas as forças simbólicas, o homem já deve ter arribado ao nível de **desprendimento de si próprio** que deseja exprimir-se simbolicamente naquelas forças: **o serviço ditirâmico de Dionísio só é portanto entendido por seus iguais! Com que assombro devia mirá-lo o grego apolíneo! Com um assombro que era tanto maior quanto em seu íntimo se lhe misturava o temor de que afinal, aquilo tudo não lhe era tão estranho, que sua consciência apolínea apenas lhe cobria como um véu esse mundo dionisíaco**<sup>30</sup>.

O assombro não é só do grego apolíneo, mas nosso também, ao ler essas linhas. A experiência musical para Nietzsche e o *pathos* da experiência estética que ela provoca é aquilo a que ele chama de “êxtase dionisíaco”, um estado de espírito, por assim dizer, absolutamente avassalador, **além ou aquém das palavras**, onde ele nos convida a nos deixar arrebatados, arrastados e engolfados por uma outra realidade.

Não nos estimamos bastante, quando nos comunicamos.  
**Nossas vivências mais íntimas não são nada tagarelas.**

<sup>29</sup> NIETZSCHE, *Assim Falou Zaratustra, Da Redenção*, pgs. 152,153 (grifos nossos).

<sup>30</sup> *Idem, O Nascimento da Tragédia*, seção 3, pgs. 34, 35 (grifos nossos).

**Não poderiam comunicar-se se quisessem.** É que lhes falta a palavra. Quando temos palavras para algo, **também já o ultrapassamos. Em todo falar há um grão de desprezo.** A fala, ao que parece, só foi inventada para o corte transversal, o mediano, o comunicativo. Com a fala já se *vulgariza* o falante. – **De uma moral para surdos-mudos e outros filósofos** <sup>31</sup>.

Pois é então no *pathos* dionisíaco, “o sair fora de si” que certa experiência musical nos suscita, que “as usuais barreiras e limites da existência, contém, **enquanto dura**, um elemento *letárgico* no qual imerge toda vivência pessoal do passado. Assim, separam-se um do outro através desse **abismo do esquecimento**, o mundo da realidade cotidiana e o da dionisíaca” <sup>32</sup>. Nietzsche é um experimentador e não podemos esperar dele um pensamento de encadeamento lógico ou sistemático de suas experiências. Daí também a dificuldade em apreender seu pensamento, pelo menos apreendê-lo de uma forma coerente, mas não tão “coerente” ou sistemática a ponto de enquadrar a própria filosofia de Nietzsche dentro de um sistema que comprometa aquilo mesmo que ele pretendia: **implodir toda forma de sistema e aprender a pensar de uma outra maneira.**

Acreditamos que ao se declarar “**um discípulo do filósofo Dionísio**”<sup>33</sup>, Nietzsche pode estar sinalizando para que empreendamos uma crítica radical daquilo que chamamos de consciência. Já achamos estranho o suficiente que aqui ele chame Dionísio de filósofo e, portanto, não ousaríamos em discorrer sobre isso, porém, podemos lembrar, e é isso que nos importa aqui, que Nietzsche, como um discípulo de Dionísio, leva-nos a pensar e nos dá uma série de indicações sobre seu próprio pensamento filosófico e, sobretudo, de como deve ser esta outra maneira de ver e pensar na qual o *übermensch* é certamente o que Nietzsche tem em mente como referência paradigmática. Abordaremos mais adiante em nosso trabalho tal questão.

<sup>31</sup> NIETZSCHE, *Crepúsculo dos Ídolos, Incursões de um Extemporâneo*, seção 26, p. 80.

<sup>32</sup> NIETZSCHE, *O Nascimento da Tragédia*, p. 55 (grifos nossos).

<sup>33</sup> Nietzsche, *Ecce Homo, Prólogo*, seção 2, p. 17 (grifo nosso).